



FAMIPED

Familias, Pediatras y Adolescentes en la Red. Mejores padres, mejores hijos.

Não sei o que tem o seu filho. Mas não me preocupa!

Autor/es: Juan José Jiménez García.

Traductor/a: Susana Rocha.

[Volumen 7. Nº2. Septiembre 2014](#) [1]

Palabras clave: [diagnóstico](#) [2], [pruebas](#) [3], [incertidumbre](#) [4]

Na consulta de pediatria é muito frequente encontrarmo-nos perante situações para as quais não temos uma explicação definitiva e conclusiva para um sintoma ou um conjunto de sintomas.

Isto pode desconcertar e preocupar os pais, pois perante a incerteza de não saber o que se passa exactamente com o seu filho e porquê, e como vai evoluir o caso, é compreensível que surja neles uma sensação de nervosismo e intranquilidade.

O trabalho do pediatra nestes casos é o de valorizar os sintomas referidos pelas crianças ou os seus pais, conhecer os antecedentes e possíveis factores de risco da criança e realizar um exame objectivo detalhado. Com estes dados, e fundamentando as conclusões nos seus conhecimentos e experiência profissionais, decidirá se se pode fazer um diagnóstico de certeza e indicar um tratamento específico, em caso de o haver, ou se o mais conveniente para a criança é a realização de exames complementares ou consultas com especialistas que clarifiquem o quadro.

No entanto, o mais habitual é que o pediatra não faça nem uma coisa nem outra. É pouco frequente que o pediatra de ambulatório recorra a exames ou consultas no hospital para confirmar uma suspeita diagnóstica ou procurar um diagnóstico ao qual não conseguiu chegar com os meios ao seu alcance na consulta. Em vez disso, surpreendentemente, informará os pais de que apesar de não ter a certeza do que tem o seu filho o melhor é esperar e não fazer nada, salvo o necessário para aliviar os sintomas e o mal-estar. É por isto que nós pediatras poucas vezes emitimos um diagnóstico de certeza e costumamos falar de possibilidades com termos como “o mais provável é que seja...”, “o quadro é compatível com...”, “possivelmente seja um vírus...”, ou “o mais provável é que passe sozinho em pouco tempo”.

E é que, felizmente, a maior parte dos problemas de saúde que têm as crianças do nosso meio, que seguiram um programa de vigilância de saúde exaustivo desde até antes de nascer, e que receberam as vacinas recomendadas, são banais e resolvem-se de forma espontânea com o tempo.

Não sei o que tem o seu filho. Mas não me preocupa!

O pediatra sabe muito bem quando não deve esperar a ver a evolução natural do processo e que dados e situações lhe fazem pensar que o quadro que apresenta a criança, ainda sem ter a certeza diagnóstica, pode corresponder a uma doença grave, ou se o não intervir a tempo procurando um diagnóstico correcto ou um tratamento precoce, pode implicar uma evolução desfavorável ou ter consequências prejudiciais para a criança.

O pediatra decide sempre o que considera melhor para a criança. Se isto passa por exames e consultas com especialistas fá-lo-á imediatamente. Mas a maioria das vezes o melhor para a criança é não o submeter a análises e sofrimentos desnecessários, dado que a evolução habitual da maioria destes processos é que se resolva por si de forma natural. Além disso, há que considerar o transtorno que supõe às famílias o entrar no circuito de análises, exames, consultas, viagens ao hospital, etc., se não se espera um claro benefício para a criança de tudo isso. Para não falar do gasto supérfluo que isto supõe para o sistema de saúde e para as próprias famílias (ausências nos trabalhos, transportes).

Às vezes não é fácil a espera perante uma criança que apresenta sintomas desagradáveis como febre, dor ou vómitos, e os pais angustiam-se perante a sensação de não estar a fazer o suficiente ou a possibilidade de que lhes esteja a passar despercebido, a eles ou ao pediatra, algo importante. Ou esta espera torna-se muito longa perante situações nas quais a resolução do problema não vai acontecer num espaço curto de tempo, como a aquisição de alguns aspectos do desenvolvimento psicomotor ou da linguagem, dor abdominal recorrente, ou um simples acne num adolescente.

No entanto a vida diária consiste habitualmente em esperar. Os ciclos naturais levam o seu tempo, a maioria dos acontecimentos não se pode acelerar. Por outro lado, nesta vida não temos a segurança praticamente de nada. Quando saímos de casa de automóvel não sabemos se chegaremos ao nosso destino à hora prevista por uma fila de trânsito ou avaria, nem sequer se chegamos, quando o nosso filho vai à escola ou a uma excursão não sabemos se nos chamarão porque teve um acidente.

Temos de aprender a viver com a incerteza concreta do dia-a-dia, para além da existencial mais profunda. O cuidar dos filhos é, como o viver, correr um risco contínuo, mas ao mesmo tempo é apaixonante e maravilhoso. Ninguém nos pode assegurar nada, nem a saúde, nem o bem-estar nem a felicidade.

Mas não por isso devemos deixar de fazer todo o possível por alcançar estas metas, de pôr todo o nosso empenho para não deixar à sorte o que se pode controlar, sabendo que nem tudo é controlável. Aprendendo a viver de maneira alegre e confiada o desafio de conviver com a incerteza de não poder ter tudo controlado, de não saber como se vai resolver a doença de um filho ou qualquer outro tema.

Assim podemos disfrutar de ver crescer os nossos filhos sem a angústia de saber com toda a certeza o que vai acontecer com esse problema de saúde do nosso filho, ou com a sua vida no futuro.

Por tudo isto não tem que se alarmar, antes pelo contrário, quando oiça o seu pediatra dizer:

“Não sei o que tem o seu filho, mas não me preocupa.”